

EDITORIAL

«Perdemos repentinamente
a profundidade dos campos
os enigmas singulares
a claridade que juramos conservar

mas levamos anos
a esquecer alguém
que apenas nos olhou.»

(José Tolentino Mendonça, in *A Noite Abre Meus Olhos*)

Será uma quase inevitabilidade, por esta altura do ano, pensar em fazer um balanço, como que em modo de justificação, de um ciclo que damos por findo e, esperançosos já num outro, que se nos afigura num horizonte menos distante, em cujas promessas o devir se fará presente e desejavelmente melhor.

A necessidade de se fazer presente perante um passado que não se terá cumprido integralmente (alguma vez o chegará a ser?) dissipado em ausências sentidas (umas mais do que outras), omissões e esquecimentos, confundidos pela poeira do tempo que só esfuma o nosso sentir, mas não deixa tranquilo o nosso olhar.

A epígrafe escolhida serve o propósito de lembrar que nos domínios da memória podemos ser atraídos (atraídoamos-nos?) mas na alteridade, no mais profundo do ser humano «ser olhado» ocupa uma centralidade que nos transforma de súbito de um nada, de um restolho, de cinzas, a um tudo, a um ser, a ser vida.

Ao longo dos séculos poder-se-iam sintetizar toda uma panóplia de teses, teorias, conceitos de maior ou menor complexidade, mas a razão mais simples para o encontro que todos e cada um/a anseia passa porventura por algo exterior a nós. Um movimento que terá de ser a combinatória de um olhar que fazemos para o nosso interior e que se espelha (talvez) no olhar que se cruza com o nosso, no outro/a. Perdemos demasiadas vezes a oportunidade de humanizar o nosso quotidiano com pequenas coisas que não serão minudências, mas passam como o fossem. E é dramático que possa ser nesse intervalo o perder-se o verdadeiro sentido da existência.

O ano que termina representou para tantos o sair de um casulo em que nos enclausurámos, agora protegidos das sucessivas ameaças, com a vitória e conquista da vacinação, combatendo estirpes que teimam em mutações várias, também elas em forma de resistência. E representou ainda, para muitos outros, um fim.

Para quem não sobreviveu a este ciclo de 2019-22 marcado pelo estigma provocado pela pandemia de COVID-19, a guerra, que não se fazia esperar e, entretanto, eclodiu, levou consigo inúmeras vidas que por essa via foram arrastadas, também.

O balanço de 2022 não será a esse título animador. O flagelo continua, assustador, sem fim à vista, ou saída anunciada. As consequências da guerra em curso bem como as opções estrategicamente pensadas são demasiado pesadas e o ónus dessas não será nunca marcado pela equidade assim como o não é nunca em situações de paz e estabilidade social. As margens têm de ser cuidadas, são sempre as mais vulneráveis, as que mais afastadas estão do centro. Cabe a cada um/a de nós tê-lo presente e dar-lhes primazia, centralidade.

Outros farão certamente melhor o balanço do que o conseguiríamos nos dias que se aproximam e nos canais apropriados. Ainda assim gostaria de deixar uma mensagem de ânimo pois em cada dia que nasce há uma força que com ele se apresenta para que da ideia passemos à ação e nesse movimento, na expressão cunhada por Maria Lamas - em sororidade -, e fraternidade, possamos unir as mãos por causas comuns no combate à pobreza, à violência, no apoio a migrantes, na denúncia das injustiças, pugnando por um mundo em que a justiça esteja ao nível do nosso desejo alcançando os quatro cantos do mundo. Não podem ser as barreiras e as fronteiras de diferentes geografias a ditarem regras de exclusão ignorando os mais elementares valores de que somos herdeiros e depositária(o)s desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Não sendo possível aqui lembrar todas pois são tantas as figuras que não se encontram já entre nós e marcaram a vida do nosso país e do mundo, desde a ciência, à política, à literatura, à cultura deixamos a nota de pesar simbolizada nas escritoras recentemente falecidas de Portugal e Brasil nomeadamente Ana Luísa Amaral e Nélida Piñon precisamente no ano em que se assinala o cinquentenário da publicação de *Novas Cartas Portuguesas* e o centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

Recordamos com saudade a ausência das estudiosas, intelectuais e pioneiras nos Estudos Anglo-Portugueses e Anglo-Americanos, Maria Leonor Machado de Sousa em 2021 e Maria Laura Bettencourt Pires, em 2022, num ano que marca simultaneamente a morte de Isabel II e a celebração dos 650 anos do Tratado de Tagilde, momento assinalável no firmar da aliança mais antiga do mundo que deixamos destacada através da iniciativa [Portugal –UK 650](#).

Saudamos ainda à distância Évora – eleita Capital Europeia da Cultura em 2027 com Liepaja, na Letónia, e a dotação de um valor acrescido para a área da Cultura em que a nossa publicação se inscreve, bem como a certificação da Women Writers Route - 48.^a Rota Cultural do Conselho da Europa com que nos congratulamos [Women Writers Route - Cultural Routes](https://www.coe.int/en/web/women-writers-route) (coe.int).

Para finalizar, e ainda com uma nota positiva, damos merecido destaque à iniciativa de diplomacia bilateral realizada ao longo do corrente ano, Temporada Cruzada França-Portugal na qual inúmeros projetos de cariz bastante eclético, em boa hora, tomaram forma no nosso país e em França:

[Temporada Portugal-França 2022](#)

Passado que foi o centenário do nascimento do pensador, professor, ativista e pedagogo, Paulo Freire, dele citamos. «Ser cultural ou ser consciente é a forma radical de ser dos humanos, enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo e, neste seu fazer e refazer, se refazem a si mesmo. São, porque estão sendo.» É tempo de lembrar a médica Adelaide Cabete, por ocasião da passagem dos 155 anos do seu nascimento, e as propostas sobre educação por ela legadas, algumas na simplicidade da expressão que aqui deixamos: «Vai sempre ensinando a todos tudo quanto souberes, que é assim que a Humanidade há-de progredir e aperfeiçoar-se». E neste tempo de advento (que significa espera) atentemos na dádiva que são a fraternidade e a paz... seja então o primado dos Direitos Humanos – aquele porvir que esteja ao alcance das nossas mãos (e obras).

Possa a leitura do número que agora se publica em [Herança, Revista de História, Património e Cultura](#), inspirar novas pesquisas, outros olhares e estimulantes diálogos interdisciplinares como o conteúdo eclético e multidisciplinar dos 10 ensaios e as 2 resenhas críticas deixa antever.

Isabel Lousada 

Lisboa, 18 Dezembro 2022

LI ALGURES QUE OS GREGOS ANTIGOS NÃO ESCREVIAM NECROLÓGIOS

Li algures que os gregos antigos não escreviam necrológios,
quando alguém morria perguntavam apenas:
tinha paixão?
quando alguém morre também eu quero saber da qualidade da sua paixão:
se tinha paixão pelas coisas gerais,
água,
música,
pelo talento de algumas palavras para se moverem no caos,
pelo corpo salvo dos seus precipícios com destino à glória,
paixão pela paixão,
tinha?
e então indago de mim se eu próprio tenho paixão,
se posso morrer gregamente,
que paixão?
os grandes animais selvagens extinguem-se na terra,
os grandes poemas desaparecem nas grandes línguas que desaparecem,
homens e mulheres perdem a aura
na usura,
na política,
no comércio,
na indústria,
dedos conexos, há dedos que se inspiram nos objectos à espera,
trémulos objectos entrando e saindo
dos dez tão poucos dedos para tantos
objectos do mundo

e o que há assim no mundo que responda à pergunta grega,
pode manter-se a paixão com fruta comida ainda viva,
e fazer depois com sal grosso uma canção curtida pelas cicatrizes,
palavra soprada a que forno com que fôlego,
que alguém perguntasse: tinha paixão?
afastem de mim a pimenta-do-reino, o gengibre, o cravo-da-índia,
ponham muito alto a música e que eu dance,
fluido, infindável, apanhado por toda a luz antiga e moderna,
os cegos, os temperados, ah não, que ao menos me encontrasse a paixão
e eu me perdesse nela
a paixão grega.

(Herberto Helder)